

Por que, ainda, esses olhos tragam e essa mão seduz?

COSTA, Hermes Honório da.

Resumo

Este artigo, com base em fundamentos da análise do discurso, lança um olhar sobre o texto enquanto proposta de sobrevivência de seu autor. Faz uma reflexão sobre os sujeitos de discursos que se manifestam em um texto e de como eles estão sempre vivos, presentes e atualizados em cada diálogo que se instaura na relação leitor e texto. Abre, também, uma discussão sobre a prática de “estudo e interpretação de texto” no contexto escolar.

Palavras-chave: autor, sujeito, Educação.

Abstract

This article, based upon the discourse Analysis fundamentals, takes a look at the text as a proposal of its author' surviving. It makes a reflection upon the subjects of the discourses which ones unfold in a text and how they are always alive, present and updated in each dialogue that is in the relation reader and text. It also opens a discussion about the practice or the “study an the interpretation of a text” within the school context.

Key-words: author, subject, Education.

Sobre o autor

Hermes Honório da Costa

Natural de São Francisco do Glória - MG.

Graduado em Letras e Pedagogia pela Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Araxá-MG.
Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (UFU)
e em Orientação Educacional (FUSV).
Mestre em Lingüística - Análise do Discurso (UFU).
Professor e Assessor de Comunicação
no Centro Universitário do Planalto de Araxá - UNIARAXÁ.
Orientador Educacional na E.E. Luíza de Oliveira Faria.
Editor do “Informativo UNIARAXÁ”
e da Revista “Evidência: *olhares e pesquisa em saberes educacionais*”.
Membro da Academia Araxaense de Letras, Cadeira n 15,
e Presidente dessa Academia no biênio 2005-2007.

Livros publicados:

Salve a Terra! Salve, Salve! (teatro - escrito em parceria) – 1978
Primeiros Versos (poemas) – 1992
Cristais - poemas, ocasionais de amor e desespero (poemas) – 2004
Um olhar sobre “A mão de Sancha” – 2004

Artigo publicado:

Dom Casmurro - um sujeito de seu tempo. In *Evidência - olhares e pesquisa em saberes educacionais*. Araxá, 2005, p. 109-122

Por que, ainda, esses olhos tragam e essa mão seduz?

COSTA, Hermes Honório da.

*De repente,
é preciso escrever
para fazer eternas as coisas.*

Quando se escreve, tem-se uma sensação de utilidade nesse ato de enunciação de alguma coisa, especialmente se esse ato de escrever vem de um exercício de criação e de comprometimento social, mesmo que essa perspectiva social esteja presa à relação do sujeito com ele mesmo, em um diálogo surdo e silencioso, marcado por uma interioridade enquanto interlocução e por uma exterioridade enquanto linguagem e referências.

Pensando sobre isso, esse artigo pretende abordar a relação do texto com seu autor, focalizando uma relação estritamente do autor com o texto no campo da criação, em uma vertente que tem fundamento em Maurice Blanchot (1987) e que procura ver nesse ato de criação uma busca de solução para uma face da incompletude do próprio sujeito, que acredita que sua obra é parte de si mesmo e que ele pode sobreviver às intempéries e à sua condição de ser-limitado, dividido, transitório e

passageiro, através dessa obra que permanece e que fica para além dele mesmo. Na verdade, o sujeito-autor já está condenado, desde sempre, a nunca conhecer a sua obra, pois ela só pode ser conhecida depois de pronta e acabada, e isso só acontece com a morte do autor, pois, durante toda sua vida e ato e processo de construção e criação, a obra é sempre um em-sendo, sem nunca acabar. É condição para a existência de uma obra que seu criador deixe de existir, melhor, deixe de criar, porque, enquanto ele está criando ou em condições de, não se tem condições de conhecer essa obra porque ela ainda não foi concluída, portanto, não existe ainda. Parece paradoxal, e é, mas isso oferece condições para uma variedade de reflexões a respeito.

Retomando a colocação do início desse parágrafo, o que se pretende, aqui, é transitar no espaço dessa relação e conceito de criação, sabendo que o campo é vasto e muito se tem para discutir sobre.

Passando por essa reflexão curta, o artigo quer abordar a questão do texto literário como criação e como espaço de trânsito de sujeitos variados, que têm sua existência presa aos discursos que permeiam o texto. Seguindo a rota de que a constituição do sujeito e dos discursos pode ser apanhada e compreendida a partir do texto lingüístico, quer esse artigo apontar a possibilidade de compreendermos que os sujeitos presentes em um texto literário são sujeitos comprometidos, não só com o seu tempo de existência enquanto ato de enunciação, mas que o enunciado pode levar esses sujeitos a estenderem sua existência para muito além de seu tempo e de seu espaço, caminhando rumo à consciência de que existem sempre, no aqui e no agora, como sujeitos de uma sociedade de um tempo sempre presente e de um lugar sempre aqui.

Ainda nessa direção que está proposta nesse artigo, pretende-se apontar uma vertente atual da educação que, muitas vezes, desconhecendo esse caráter do texto como sendo um espaço de discursos e de sujeitos sempre presentes, acaba por mascarar os “estudos e compreensões de textos”, como é chamado no universo escolar, perdendo a oportunidade de fazer com que os alunos encontrem nos tex-

tos seus verdadeiros valores enquanto obra e enquanto espaço educativo para a construção de cidadãos conscientes, críticos de seu próprio tempo e construtores de novos e melhores espaços para as próprias pessoas, através dessa conquista da humanidade, talvez a mais fantástica das conquistas, a língua, especialmente a língua escrita.

Retornando ao primeiro parágrafo, e retomando a idéia da sensação de utilidade do ato de enunciação, em seguida, pode-se dizer que o sujeito, ao final da enunciação, quando todo o seu exercício criador vira um enunciado à disposição de outros sujeitos, os leitores, ele experimenta uma outra sensação quase contrária: de perda, de inutilidade do sujeito enunciador, pois ele deixa de ser contado para o enunciado, que virou texto, que virou objeto de leitura e de análise, às mãos de outros sujeitos. E sua criação bate asas adolescentes e vai, como ser independente, conquistar o mundo, ocupar outros espaços, dialogar e digladiar com outros seres, outros sujeitos, em um processo de interação constante.

A consciência dessa realidade leva ao que Foucault(2002) diz sobre a morte do autor. É mais. Pode-se defender que não se trata, pura e simplesmente, de um fenômeno de morte, mas de uma independência que a obra tem e adquire em relação a seu autor.

Mas não é sobre o papel do autor que quero refletir nesse texto, a guisa de artigo. É claro que seu papel é muito importante como sujeito criador. Mais que isso, além desse caráter criador na relação autor e obra, é bom considerar um outro detalhe: a obra dá existência ao autor. Tanto é que ninguém escreve para ser morto e desaparecido pelo ato de escrever. Muito pelo contrário, o ato de escrever é uma decisão voluntariosa de um sujeito que não quer morrer, por isso, ele dá vida e existência às coisas, aos seres, aos outros sujeitos, para que, através destes, ele sobreviva ao tempo e às limitações próprias do homem – todos morreremos um dia. Mas não morrem aqueles que deixam suas impressões, os registros de sua visão de mundo, as concepções que tem das mais diversas realidades e naturezas, as suas experiências como sujeito de seu tempo... tudo isso e tantas outras coisas, tudo

escrito.

Quando Blanchot(1997) defende que o homem escreve para sobreviver a seu tempo, escreve por uma necessidade de sobrevivência, ele nos remete para outras reflexões a respeito do ato de escrever. E podemos caminhar na direção de um questionamento. por que o autor sobrevive a partir de sua criação? Neste ponto, há muito que pensar sobre. Há muito que discutir a respeito. Há um campo fértil para investigações sobre a escritura e sobre a criação, sobre o autor, seu papel social como sujeito de um determinado tempo, sobre um sujeito que quer ultrapassar seus limites de tempo e espaço e fazer-se para além de.

É nesse emaranhado todo que se pode construir ou verificar, analiticamente, que em torno do que está escrito e de quem o escreveu, por certo, há frestas de luz sobre alguns tópicos que merecem atenção muito especial e que podem revelar-se maravilhosos, fantásticos, encantadores, apaixonantes. Aí, nos vãos deixados pelas palavras, é que se pode descortinar páginas envolventes, provocantes e que podem extasiar.

Quando Pêcheux trabalha o princípio de que a palavra tem relação com o acontecimento e com a produção de sentido, pode-se pensar ainda na relação do autor com sua obra no que diz respeito ao espaço próprio da palavra para a produção do sentido. E retomo o espaço, ou autorização que se tem para a interpretação, para a recuperação do espaço dialógico construído pelos interlocutores, tanto quando, na solidão do ato de criação, o autor dialoga com os diferentes sujeitos que nele habitam e lhe dão o caráter de sujeito de discurso, como quando, no diálogo do sujeito-leitor, com os múltiplos sujeitos que habitam o texto, os sentidos fazem-se presentes pela provocação da existência dos diferentes efeitos de sentido que são criados e nascidos desse e nesse enfrentamento em que os interlocutores digladiam, dialogicamente.

Diante dessa realidade dialógica em que o sentido é produzido, deve-se considerar alguns aspectos fundamentais. É preciso lembrar que todas e quaisquer manifestação discursivas de um sujeito são passíveis de tornarem-se enunciado. E,

se isso não se fizer como tal, não se tem como captar a presença do discurso, porque é aí que ele se manifesta e se faz realidade nas relações subjetivas, no enfrentamento social e histórico entre os sujeitos, configurado exatamente na presença de sujeitos que dialogam entre si. Portanto, o enunciado, em que transitam os discursos e em que eles se manifestam, é constituído por uma teia de diálogos vivos que confirmam não só instantes históricos e sociais, que se fizeram em acontecimentos, mas também que continuam como intrigada rede de manifestações dialógicas que circulam entre os sujeitos na sua realidade sócio-histórica, garantindo a existência dos próprios sujeitos como realidades sociais e históricas e, também, a presença, na sociedade, de um emaranhado de discursos, de sentidos e de efeitos de sentidos... É Bakhtin (1992, p. 87) que fala dessa realidade do enunciado com sua representação viva na realidade social e histórica em que os sujeitos se realizam como tal:

Um enunciado vivo, significativamente surgido em um momento histórico e em um meio social determinado, não pode deixar de tocar em milhares de fios dialógicos vivos, tecidos pela consciência sócio-ideológica em torno do objeto de tal enunciado, e de participar ativamente do diálogo social. De resto, é dele que o enunciado saiu: ele é como sua continuação, sua réplica.

Tomando, assim, o discurso como manifestação do sujeito em sua constituição existencial e como acontecimentos presentes em enunciados, vê-se que esses acontecimentos são realizações desses mesmos sujeitos, que tecem a teia de diálogos sócio-históricos e ideológicos a partir de suas formações ideológicas e consideradas as suas condições de produção. Assim, pode-se garantir que repousa, nos enunciados, não só uma realidade existencial dos sujeitos, mas também toda uma representação social em que estão inseridos, com a sua tessitura e realidade social, histórica, ideológica e de toda ordem. Por essas razões, analisar os discursos presentes em um enunciado é penetrar no universo dos sujeitos e de sua realização social, histórica e ideológica. Assim sendo, toda investida analítica sobre um enun-

ciado passa por uma penetração em um universo de sentidos, discursos, sujeitos e realidades sociais e históricas. É que não estão presas e confinadas em um espaço social e temporal perdido e isolado, mas que estão muito vivas em toda a teia dialógica, em toda a heterogeneidade de discursos e em toda a complexidade dos sujeitos. Debruçar sobre um enunciado, analiticamente, é ter coragem de penetrar no emaranhado dessa rede sócio-histórica e ideológica em que estão dispersos sujeitos, discursos e sentidos. É, drummondianamente, voltar-se para a vida presente, o mundo presente, o homem presente.

E estou de volta à pergunta inicial: **por que ainda teus olhos tragam e essa mão seduz?** Mas, de onde e por que ela retorna repetidamente, incomodantemente? E há duas respostas que geram duas outras interrogações. Uma, de ordem especulativa, investigativa. A outra de ordem prática, animada por experiências sociais vividas, experimentadas e sofridas nas lides da Educação, em especial, no universo dos estudos, análises e interpretações de textos.

Na primeira vertente, o caminho parece longo e árduo, mas atraente e provocante para quem quer caminhar nos espaços da Análise do Discurso. A trilha nesta direção leva à investigação dos discursos presentes nos textos escritos. Na verdade, qualquer texto pode ser tomado para esse tipo de investigação. Quais caminhos podem ser seguidos nesse viés? Vários. Tanto se pode tomar um texto jornalístico, que, por princípio, deve ser referencial, quanto se pode abordar um texto científico, em sua frieza e exatidão, ou um texto literário, considerado ficção e que, por origem, abrangência e enquadramento teórico, não teria compromisso com a realidade, em qualquer postulação teórica ou filosófica em que se possa considerar a realidade das representações desses textos.

Nesse caminho, o que há de importante ou de novo para ser considerado? Trata-se do fato de que há vida escondida nas palavras e nunca se pode abordar um texto como se ele fosse algo adormecido ou sepulcral, habitado por coisas mortas, adormecidas, ultrapassadas e podres. Pelo contrário, em cada texto a vida está presente a pulsar, pulsam movimentos, transitam sujeitos e os textos estão fartos de

acontecimentos, de discursos, de ideologias, de marcas históricas, de registros sociais, de particularidades dos próprios sujeitos neles inscritos e podem os textos, por essas e outras razões, provocar seus leitores a assumirem outras e novas posições sociais, históricas, ideológicas, pessoais. Tudo isso porque é muito viva e presente a matéria de que os textos são feitos.

Para ajudar na compreensão dessa realidade dos textos, pode-se fazer referência ao que Authier-Revuz (1990, p. 27) afirma: “Nenhuma palavra é “neutra”, mas inevitavelmente “carregada”, “ocupada”, “habitada”, “atravessada” pelos discursos nos quais “viveu sua existência socialmente sustentada”.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que o texto tomado para análise não é uma coisa morta, à semelhança de um cadáver que passa por uma autópsia, ou um fragmento de um corpo que é dissecado e conhecido, em suas entranhas, até seus elementos de composição. Pelo contrário, ao se tomar um texto para análise de discursos ali presentes, o que se tem diante de si é algo vivo e palpitante de pura energia na iminência de tornar-se sentido a partir do momento em que do texto nasce, pela interlocução de sujeitos, novas instâncias de enunciação. E mais, nem o texto, nem o discurso, como objeto de análise, não estão em estado de anestesia ou adormecidos, nem mesmo em condição de maturidade, pelo contrário, o texto, pelos discursos nele presentes, está em pleno estado de transformação, a ponto de, ao ser apanhado em um aspecto, neste instante, no momento seguinte, já é passível de ter passado por algumas transformações. Isso porque o material de que é feito é dotado das melhores qualidades e competências para produzir sentidos, para provocar reações e gerar conhecimentos e forçar deslocamentos naqueles sujeitos que o tocam, que o analisa ou ousa dele se aproximar com olhos de quem vê, de quem vê e enxerga. E isso ocorre de uma forma tal que essa aproximação entre o sujeito e o texto provoca uma interação tal entre os dois, que eles se confundem em um processo de conhecimento do mundo e de criação e recriação de outras e novas realidades.

As razões do por que isso acontece são múltiplas e com possibilidades mil,

porque as palavras vêm carregadas de seres, de fatos, de acontecimentos e são capazes de, na interação dos sujeitos do texto com os que com eles estão em contato, produzirem outros e novos fatos, acontecimentos, realidades. Isso porque são as palavras, na interação com os sujeitos, ou os sujeitos, através das palavras, que são capazes de produzir ou reproduzir outros e novos sentidos, discursos, textos e mesmos sujeitos e acontecimentos, realidades. Pensando assim, pode-se melhor compreender o que Pêcheux afirma sobre sentido:

O sentido de uma palavra, de uma expressão de uma proposição, etc. não existe “em si mesmo” (isto é, em relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, re-produzidas).

De volta, outra vez, à pergunta inicial – por que, ainda, aqueles olhos tragam e essa mão seduz – e, agora, a resposta começa a ganhar corpo. Basta tomar Dom Casmurro, de Machado de Assis, e fazer uma leitura atenciosa e vê-se, imediatamente, que os sentidos que brotam desse texto exigem que outros sentidos venham a ser produzidos. Isso porque os discursos da traição amorosa e conjugal e do ciúme doentio não têm forças suficientes para satisfazerem as exigências dos sujeitos que ali residem, dialogando, digladiando. E, quando esses sujeitos encontram nos outros sujeitos, os leitores, as condições necessárias para interação, os sentidos novos brotam como sementes que estavam adormecidas e encontram as condições ideais para sua germinação, para sua primavera.

Agora, é Bentinho dizendo que, atrás de sua máscara casmurra, existem, também, outros tantos sujeitos plenos de amor e ódio, de encantos e desencantos. Lá, é encontrado o filho de Dona Glória, o Bento Santiago, com todas as suas características de menino sem pai, mas marcado pelo histórico da família que transitava entre o rural e a cidade do Rio de Janeiro, uma cidade que também era um pouco de ruralidade e bucolismo. Dona Glória, viúva, nova, forte... Forte? Era do-

minada pelo agregado José Dias. Sim, José Dias. Agregado? Não. Muito mais que isso. Era uma espécie de pai adotivo, que é diferente de padrasto. Era espelho para Bento Santiago, que já se tornou Bentinho, adolescente, e que tinha, em José Dias, tantos exemplos bons e maus também. Mas, do Bentinho adolescente resultou o Bentinho namorador de Capitu, o Bentinho seminarista, o advogado, o amigo, o marido, o amante... Espera aí!... Isso mesmo, amante também. E não é amante no sentido daquele que ama, não, é no sentido social de aquele que tem uma outra mulher além da esposa, em Noel Rosa, aquele que tem “matriz” e “filial”. Porque está lá no texto Dom Casmurro, está lá nos discursos que povoam este texto, está, lá, a confirmação de todos os sentimentos de amor e afeição, de paixão louca e desenfreada, ardente, de que eram nutridas as relações entre Bentinho e Sancha, conforme defende Costa (2004, p. 89-90):

Aí, vamos ter a inscrição de uma trama que se estrutura a partir da relação amorosa entre os sujeitos Bentinho e Sancha, tendo, como ponto de conflito, a sombra do sujeito Escobar. Em dado momento, até se pensou na possibilidade do conflito de interesses estar situado na relação Sancha/Bentinho/Capitu. Mas essa evidência é frouxa e secundária ao longo de todo capítulo e mesmo no texto como um todo...

(...)

...não se pode dizer que ele (Escobar) não tenha sido esmagado no apertar de mãos de Bentinho e Sancha ou que ele nada tenha sofrido ou percebido do gesto ou do fluido que percorreu o corpo daqueles amigos e amantes. Também não se pode explicar que o seu afogamento, na manhã do dia seguinte, tenha sido por uma infeliz coincidência ou por força da natureza que ceifa vidas de inocentes ou se foi o afogar-se com sua dor pela traição confessada e por ele percebida de sua esposa e de seu melhor amigo... quando se diz da relação amorosa entre Bentinho e Sancha, a confissão que é feita pelo apertar de mãos, pela demora que essas mãos ficam uma dentro da outra, é bem suficiente para que se possa confirmá-la, especialmente quando o sujeito Bentinho mostra-se dividido entre a fidelidade conjugal e a paixão por Sancha, entre a amizade de Escobar e o encantamento pela mulher desse gran-

de amigo, entre o equilíbrio das relações entre os casais e o desequilíbrio que estava instaurado pelo sentimento de ambos – Bentinho e Sancha.

Neste sentido, tem uma pesquisa que estamos fazendo na seqüência de uma obra já publicada – *Um olhar sobre A mão de Sancha*¹, e que examina a presentificação dos sujeitos de um texto literário. Pelo viés da constituição dos sujeitos, pode-se defender que o Dom Casmurro, por exemplo, está presente naquele senhor que mora a duas casas abaixo da minha, que vive sozinho ali, tem amigas que o visitam, e são todas bem mais jovens... e ele não anda de trem, porque na minha cidade não há trem de passageiros, mas vive casmurro e metido consigo mesmo, tem poucos amigos e demonstra uma enorme melancolia. Por coincidência, quem sabe, é advogado, tem filhos que não se sabe onde moram. Da esposa ninguém dá notícias. Mas seus olhos brilham quando se fala de “uma fulaninha” que iluminou sua juventude, casou-se com um colega de profissão, não ficou viúva por afogamento do marido, mas desapareceu para sempre “no turbilhão da avenida”, desde aquele dia que foram flagrados...

E, você, que está lendo esse texto agora, confesse que nunca sentiu queimar seu rosto e arder seu coração ao apertar a mão amada e desejada, sob a cortina da proibição das convenções sociais!

Mas isso é matéria para outro, ou outros artigos.

Nesse instante, é preciso retornar ao que se propôs e verificar a pertinência daquela vertente de reflexão, a segunda, sobre experiências sociais vividas, experimentadas e sofridas nas lides da Educação, em especial no universo dos estudos, análises e interpretações de textos, conforme está em parágrafo anterior.

Então, vamos lá! Nessa segunda vertente, estamos vendo a construção e a desconstrução de sujeitos dentro das salas de aula, em um processo de assujeitamentos das mais diferentes ordens, tanto por consciência da execução de um projeto do Estado, quanto pela inconsciência de suas ações, mas, mesmo assim, executando o mesmo projeto de Estado, como instituição dominadora, controladora dos sujeitos e capaz de produzir um modelo de sociedade ou de reproduzir os

modelos tomados pelo mesmo Estado como parâmetro de organização social.

Está-se falando nos discursos que organizam a Educação, no País, nesta virada e início de século. “Educação para todos.” “Lugar de criança é na escola.” A distribuição de livros didáticos para todos os alunos e de todos os conteúdos programáticos, inclusive de Língua Inglesa. Generalização do sucesso escolar para todos, inclusive com “promoção em massa”, proletarização do magistério e sua redução a subemprego, e até como alternativa para a ocupação da mulher e melhoria da renda familiar. E mais outros tantos que não cabe aqui relacionar. O que interessa não é nem mesmo esses discursos, mas sim um discurso que está dentro das escolas, localizado no ensino de Língua Portuguesa, onde o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa são camuflados e esquecidos pelo uso da fachada do “estudo de texto” ou da “análise e produção de texto”, ou mesmo de outras tantas fachadas que escondem uma realidade política e econômica de um Estado, cujo projeto de nação é o de negação dos valores nacionais através de uma fachada que tem diferentes nomes e cores e legendas, entre elas o neoliberalismo.

A prática do estudo de texto, que é feita na Escola, está na contumácia de todo o conhecimento científico que se tem sobre o que constitui um texto, sobre sua discursividade, sobre os embates ideológicos que estão nele representados e sobre o que nele tem registrado da história e da sociedade dos homens. Sem falar da presença das micro e das macro sociedades e mesmo da humanidade que está presente nos sujeitos e nos discursos presentes nos textos, especialmente, nos textos lingüísticos.

Esse artigo tinha o objetivo de apontar e indicar esses dois trabalhos que estão sendo feitos à luz da Análise do Discurso e tendo como embasamento alguns autores como Pêcheux, Althusser, Bakhtin, Blanchot, Althier-Revuz, Gregolin, Foucault, Orlandi, Fernandes e Santos, entre outros.

Espera-se que alguns apontamentos feitos sejam úteis para a reflexão sobre o trabalho que se faz com o texto. E, mais especificamente, acredita-se que ficou indicado que os sujeitos presentes em um texto literário não são fantasmas que

povoam livros e páginas, mas sujeitos vivos e que estão presentes na sociedade em cada momento que se estabelece um diálogo do leitor com esses sujeitos através da leitura. E é por isso, pelo fato de que os sujeitos de um texto estão sempre vivos e atualizando-se de acordo com a realidade da história e da sociedade em que possam manifestar-se, é por isso que se pode retomar a pergunta inicial e transformá-la em uma afirmação, **porque, ainda, aqueles olhos** (de ressaca, de Capitu) **tragam e essa mão** (quente, úmida, de Sancha) **seduz**.

Notas

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Professor do UNIARAXÁ, Orientador Educacional em Escola Pública Estadual, Presidente da Academia araxaense de Letras, biênio 2005/2007.

² COSTA, Hermes Honório da. Um olhar sobre *A mão de Sancha*. Araxá, 2004, 128p.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: ORLANDI, Eni P.; Geraldí, João Wanderley. (Org.) *Cadernos de estudos lingüísticos*. Campinas: Unicamp, 1990. n° 19, jul./dez. p. 25-42.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992. 196 p.

BAKHTIN, M. O discurso na poesia e o discurso no romance. In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética (A teoria do romance)*. São Paulo: Editora UNESP/Hucitec, 1989. p. 85-112.

BAKHTIN, M. *O prazer do texto*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. 86 p.

BETH BRAIT. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BETH BRAIT. (Org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p 91-104.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rocco. Rio de Janeiro, 1987.

_____ **A parte de fogo**. Rocco. Rio de Janeiro 1997.

COSTA, Hermes Honório da. **Um olhar sobre “A mão de Sancha”**. Araxá. 2004, 128p.

FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. (Orgs.) **Teorias Lingüísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, 2003. 3001 p.

FERNADES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso – reflexões introdutórias**. Goiânia, Trilhas Urbanas, 2005, 118p.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Fluminense, 2002. 239 p.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Tradução de Antonio F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 2. ed. Vega: Passagens, 1992. 161 p.

GREGOLIN, M. do R. V. Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria?. In: GREGOLIN, M. do R. V.; BARONAS, R. (Org.) **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. São Carlos: Claraluz, 2001. p47-58.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002a. 100 p.

ORLANDI, E. P. Os efeitos de leitura na relação discurso/texto. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001. p 59-71.

PÊCHEUX M. **Semântica e Discurso – Uma Crítica à Afirmação do Óbvio**. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. 317 p.

PÊCHEUX, M. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002. 68 p.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: EDUCAMP, 1990. 318 p.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. Do discurso : atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: EDUCAMP, 1990. p 163-187.

SANTOS, J.B.C. Interfaces da crítica literária com a teoria semiolinguística. In: ver. **Analisando discursos**. (org.) Renaro de Melo et al. Belo Horizonte: NAD/UFMG, 2002. p 2-6.

